abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

VOZES QUE ECOAM NO DESERTO: UM ESTUDO DE GÊNERO ACERCA DE HABIBI, DE CRAIG THOMPSON

Leonardo Barata Amaral (UEPA)
Profª. Msª. Sandra Mina Takakura (UEPA)

RESUMO: Habibi (2011), *graphic novel* de Craig Thompson (1975 -), retrata uma fictícia sociedade islâmica. Ainda que utilizando o Islã como pano de fundo da obra, a cidade não é ambientada em um local especifico. A narradora, Dodola, conta a sua estória e a de Zam, um menino negro que seria vendido como escravo assim como ela, utilizando elementos do *Corão* e de *As mil e uma noites* tanto para contar a história da sociedade muçulmana como para narrar os percalços de suas vidas. A religião islâmica, a descoberta da sexualidade, a masculinidade e o papel materno da mulher são alguns temas tratados na obra. Este trabalho visa analisar o papel dos dois personagens marginalizados com base no texto da Gayatri C. Spivak, *Pode o subalterno falar?* (2010) expondo o caráter silenciador que os dois enfrentam; descontruir o que é a masculinidade e o porquê da castração física sofrida por Zam sob a abordagem de gênero proposta por Judith Butler em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2014).

Palavras-chave: Habibi. Gênero. Masculinidade. Subalterno. Mulher.

Na *graphic novel* Habibi (2011) de Craig Thompson (1975 -), é exposto um mundo que é comandado por um sultão déspota que concentra a riqueza de seu povo apenas para si. Sucedendo-se na modernidade, sua estória, no entanto, pode ser analisada tanto de um ponto de vista passado ou futuro, uma vez que os temas abordados são recorrentes na história da humanidade.

Vanatólia, a capital de um Estado que não se encontra ambientado em um determinado país, tem como fundo religioso o Islã. A obra discorre a respeito de dois escravos, que fogem da cidade e abrigam-se em um navio no meio do deserto. Dodola, uma garota que acaba passando por situações que são recorrentes no mundo mulçumano, casa-se com 9 anos para que a família, que vive em condições precárias, receba o dota. Astuta, essa tenta lidar de forma sagaz com as adversidades da vida, e acaba por acolher em uma de suas fugas Zam, apenas um bebê quando se conhecem.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

O desenrolar da estória emparelha com a história do próprio Islã e autor usa como recurso narrativo o auxílio do clássico da literatura *As mil e uma noites* e do *Corão* para, simultaneamente, remontar ao passado mulçumano e narrar a estória dos dois personagens. Este trabalho pretende analisar as personagens Dodola e Zam sob as abordagens:

Da subalternidade, e o modo como a personagem Dodola, em especifico, encontra os meios para poder "falar", utilizando-se o conceito de subalternidade, e o adaptando ao contexto da obra, utilizado por G. C. Spivak, em *Pode o subalterno falar?;*.

De gênero, especificamente acerca da masculinidade e sua (des)construção na obra quando o personagem Zam passa por um processo de castração, utilizando definições de masculinidade e gênero.

A subalternidade e sua representação na obra

O ser subalterno, como elucidado por Gayatri Spivak em sua obra *Pode o subalterno falar?*, é indivíduos marginalizados, ou as minorias que encontram-se em um processo de exclusão do resto de uma determinada sociedade:

> [os subalternos são] Às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (SPIVAK, 2010, p.12)

Em *Habibi*, Thompson proporciona ao leitor alguns exemplos do que é ser subalterno, usando os protagonistas Zam e Dodola. Pode-se adaptar as definições de subalterno na obra uma vez que Dodola representa as mulheres como indivíduos minoritários no Estado muçulmano, no qual é mais rigoroso com relação aos diretos das mesmas. Entretanto, a universalidade com que o autor abrange o tema denuncia como a voz da mulher é silenciada em esfera global. O seu casamento forçado aos nove anos, os momentos em que teve que usar seu corpo como moeda de troca para poder alimentar a Zam e a ela mesma, relatam a desvalorização da mulher.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

O acesso à educação muitas vezes negado a mulheres muçulmanas corrobora com o silencio que é outorgado a essas vozes femininas. Segundo Spivak (2010, p.15) a "[...] mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir". A personagem Dodola que é silenciada devido ao seu gênero nessa sociedade encontra os meios para poder falar através da escrita e do narrar de estórias – que foi lhe repassado por seu marido, que era escriba e copiava manuscritos do Corão e de As mil e uma noites.

Tal conhecimento adquirido através de seus estudos a transformaram em uma mulher perspicaz, que soube lidar com sua sexualidade e com seu corpo e continuar sendo perseverante a sua fé. Dodola, após ser sequestrada e levada até o sultão para ser uma de suas mulheres, por conta de suas experiências e conhecimento tornou-se a sua favorita, e conseguiu ser liberta após o mesmo subestimar sua inteligência ao lhe lançar um desafio que parecia insolucionável.

Ao contrário de Dodola, que chega a ser intempestiva, Zam exprime uma expressão mais branda – uma metáfora do seu silêncio. O racismo é outro tema recorrente na obra, e é evidenciado desde Zam sendo um bebê, quando é visto como diferente por ser negro.

Diferentemente de Dodola, Zam possui um duplo silenciamento a partir do momento em que esse passa pelo processo de castração, tornando-se um eunuco e por ser vítima do racismo que é exposto na obra. Uma classe que não é bem aceita na comunidade Islâmica da obra A comunidade Eunuca é menosprezada ao extremo quando na obra o autor retrata Zam ao depreciar um eunuco que se dirige a ele com compaixão:

> - O que está fazendo, queridinho?
> - Vá embora.
> - Cavando merda? E passando fome ainda? É tão ruim ver um rostinho bonito desperdiçado. Se você se junta à minha turma, a gente podia te arranjar quarto quentinho, comida boa, máscaras de lama com pepino...
> - Eu sei me cuidar, DEPRAVADO (THOMPSON, 2012, p, 322-323)

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Os eunucos, na obra de Thompson, utilizam-se da castração com a intenção de entregar-se a Deus, apesar de a comunidade os ver como depravados e agitadores de casamentos, qualificado como uma tradição social, uma vez que esses recebem dinheiro para não importunar mais a cerimonia, e é descrito por um dos eunucos como uma forma de compensação por seu sacrifício.

As diferentes construções da masculinidade

O patriarcado precede nosso tempo, vem desde nossos ancestrais, onde a força física era fator determinante para a sobrevivência, característica que detém a maioria dos homens. A partir de então construiu-se uma cultura em que o homem devesse mandar, enquanto as mulheres exerceriam atividades secundárias, cabia a essa obediência. Desde a antiguidade, medievo e até a modernidade existe ainda uma desigualdade de gêneros.

No entanto, esse homem "detentor da força física" deve seguir um padrão de masculinidade que foi construída ao longo da humanidade, definindo assim o que é masculino e o que é masculinidade, podendo ser visto em:

> A problematização do conceito de masculinidade e suas implicações sócio-históricas foi sistematicamente tangenciada na medida em que se fixou a idéia da existência de uma única masculinidade hegemônica baseada na dominação e no poder inquestionável do "patriarca". Trata-se de uma lacuna historiográfica onde o conceito de masculinidade foi compreendido antes como uma consolidação ou uma permanência natural (o que Bourdieu chamaria de dóxa) do que uma construção de gênero passível de ser problematizada. (BOTTON, 2007, p. 109)

Bottom (2007) nos mostra na historicidade que a masculinidade foi analisada erroneamente como algo consolidado pelos seres humanos. Na obra Habibi, existe uma problematização sobre gêneros no qual nos faz refletir sobre o que tomamos por sexo e gênero. O autor por meio do personagem Zam nos mostra essa (des)construção do gênero masculino. Em *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*, Judith Butler elucida as relações entre sexo e gênero, quando diz:

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> [...] o gênero não está para a cultura como sexo está para a naturza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a "natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura (BUTLER, 2014, p. 25)

Vale a pena ressaltar que nesse sentido podemos ver que Bottom (2007) analisa o quanto a masculinidade foi relacionada com questões biológicas:

> A masculinidade, desde os estudos evolucionistas século XIX, vem sendo estudada a partir de modelos naturalistas que a interpretam enquanto uma conseqüência biológica da formação humana, ou seja, foi vista como sendo puramente sexual-biológica, delimitada pela posse ou não de um objeto físico, a saber, o pênis. (BOTTOM, 2007, p. 110)

Pode-se analisar que as relações de gênero se tornam desiguais, no contexto de Habibi. Apesar de Vanatólia, ser uma região fictícia, ela segue os mesmos preceitos de um país muçulmano, no qual existe uma hierarquia e uma desigualdade entre homens e mulheres, como visto em:

> A condição de inferioridade e de precariedade nas quais estão confinadas a maior parte das mulheres nas sociedades árabes-muçulmanas são oriundas principalmente da hegemonia de uma mentalidade (de um sistema) patriarcal, que instrumentaliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação às mulheres. É uma leitura baseada numa interpretação restritiva e rígida dos textos corânico. (HAJJAMI, 2008, p. 109)

Uma vez que Zam cresce e é educado a partir dos preceitos do *Corão* e ouvindo estórias de *As mil e uma noites*, no qual em ambos existe uma intepretação acerca da hierarquia dos gêneros, e que envolve também o que é ser masculino e sobre a masculinidade, através do caráter de seus personagens e da manifestação da sociedade patriarcal. Na narrativa de *Habibi*, existe uma inversão de papeis uma vez que Dodola começa a prover a Zam o alimento – fato que pode ser explicado devido à pouca idade que o personagem dispunha.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Com a decorrer do tempo Zam começa a indagar o porquê de ele não poder ajudar, pode-se ler aqui o fato de que não apenas tivesse a intenção de ajudar, mas o fato de que Dodola está exercendo um "papel" que devia ser seu, como mostrado em todas as estórias que ouvia. No ímpeto de querer ajudar e provar o seu valor, o personagem descobre que Dodola se prostitui para caravanas de beduínos que passam perto do barco em que residem, um desses homens acaba violentando-a. Zam, incapacitado de fazer algo, apenas devaneia com a possibilidade de executar esse homem que a machuca. Esse fato fica marcado em Zam que passa a atrelar a cada figura opressora da obra, a imagem desse homem. Esse personagem que violenta Dodola é representado pelo estereótipo do que é "o verdadeiro macho", alguém truculento, que objetifica as mulheres, em contraponto a Zam que é ainda um adolescente, tem dificuldade ao lidar com os modelos de masculinidades e com o modelo utópico da masculinidade hegemônica que em tese lhe é inatingível (uma vez que a personagem que mais se aproxima desse modelo é o sultão que possui bens), Zam dessa forma assume uma construção de masculinidade subordinada. A masculinidade hegemônica pode ser estudada através de seu conceito, visto em:

> A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

Tal situação o impede de ajudar Dodola nessa situação de violência sexual, pois esse se vê como menor em comparação ao personagem que violenta Dodola, já que a masculinidade hegemônica influencia diretamente nos estudos de gênero e na hierarquia social. A maturidade não só trouxe a Zam somente o ímpeto de provar o seu valor, mas também a descoberta de sua sexualidade e de sua libido. Em determinado ponto, Zam já

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

não sabe distinguir o seu sentimento por Dodola, quando os mesmos se tornam antagônicos. Pelo fato dela o ter criado desde criança e repassado todo seu conhecimento a ele, existe um sentimento maternal; entretanto, o garoto adolescente começa a vê-la como uma mulher com a qual ele pode se relacionar, e começa a relacionar elementos do deserto, como a sinuosidades das duas e das rochas com o corpo da mulher, o corpo de Dodola.

A ambiguidade dos sentimentos, por vezes a tem como uma figura materna, por vezes como uma futura parceira, atrelado ao fato de o mesmo achar que não desempenha sua função masculina determinada atrelado ao fato de ter presenciado o estupro de Dodola sem poder fazer nada, faz com que Zam somatize tais frustrações no próprio corpo quando recorre a castração.

Esse processo de castração, juntamente com o ingresso na comunidade eunuca, não descaracteriza Zam, que continua a se identificar com o gênero masculino, durante sua estada na comunidade pode-se analisar que o personagem vivenciara uma *performance* e uma *experiência*, no qual Jayme (2010, p.170), em referência a Judith Butler (1990):

> [...] afirma que ao invés de pensar o gênero a partir da identidade, é melhor situá-lo como *performance*, devido ao caráter instável e dramático desta categoria. Nessa perspectiva, o gênero é uma ação e nunca uma totalidade, sua construção é muito mais complexa e inacabada.

Tal fato elucida como mesmo utilizando-se de maquiagem e vestuário feminino, o personagem não se destitui de seu gênero masculino. Por ainda está passando por um processo de transição: a puberdade. Zam acaba por experimentar as outras possibilidades que o gênero lhe oferece, e depara-se com a existência de não apenas uma construção, mas também com uma desconstrução de gênero. Além dessa *performance*, existe uma *experiência*, no qual "também só pode ser apreendida pelo social e é atravessada por outras relações, portanto, não é nunca acabada, mas constantemente (re)formulada e intersubjetiva. " (JAYME, 2010, p.171) Para Rodrigues

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

(2005) "Butler diz que não existe uma identidade de gênero *por trás* das expressões de gênero, e que a identidade é *performativamente constituída*. "

A *experiência* de Zam, renomeado de Caméra na comunidade eunuca, se torna intersubjetiva de forma que apesar de conviver com outros eunucos que se veem como mulheres, corrobora com a desconstrução que ele se permite experienciar através da relação com os outros eunucos.

Em *Questões do corpo em "La Piel que Habito", de Almodóvar: Gênero e Tecnologia como Máscara*, Izabel Brandão (2014) aborda a temática de gênero em um dos filmes de Almodóvar, que conta sobre Vicente, que forçadamente é submetido a um experimento pioneiro que utilizará uma pele tecnológica, chamada de Gal, desenvolvida pelo Dr. Robert Legard. Com o desenrolar da trama, descobrimos que existe um mal-entendido, uma vez que Robert Legard pensa que Vicente abusou sexualmente de sua filha, e por isso o pune com uma cirurgia de mudança de sexo e também o usará como cobaia em seu experimento de implantar tal pele tecnológica. Vicente torna-se Vera, falecida esposa de Robert Legard.

Vicente/Vera, como Izabel Brandão define, mostra-se relutante em aceitar sua nova condição, a partir de então passa a atuar, agindo como uma mulher, na tentativa de enganar o médico. A autora argumenta acerca desse novo corpo como sendo:

> [...] apenas feminino pelo lado exterior, pois não é biológica e nem psiquicamente um corpo de mulher. E mesmo nesse caso, pode ser dado como um corpo bakhtiniano grotesco, em seu aspecto negativo, e porque sua aparência de "normalidade" é falsa. Esse corpo é paradoxalmente anormal, considerando que escapa à regra do considerado normal [...] além disso, em seu desejo, é ainda homem. (BRANDÃO, 2014, p.90)

Pode-se estabelecer um parâmetro entre a transformações ocorridas por Vicente/Vera e Zam/Caméra e seu modo de agir nesses períodos de *performance*. Percebemos que Zam/Caméra passou por um período de confusão da sua sexualidade, decorrente do questionamento de sua masculinidade, da ambiguidade de sentimentos que o mesmo possui ainda por Dodola, culminando no seu processo de

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

castração/mutilação física. Entretanto, mesmo já dentro de uma *performance*, ele continua a pensar em Dodola e sentir-se atraído por mulheres, como visto em passagens do livro, quando uma das mulheres, Ghaniyah, da comunidade eunuca o ajuda a se vestir com roupas femininas, sentados frente a frente, pede a Zam que estique os lábios. Esse, nervoso, espera ser beijado, é surpreendido por ter os seus lábios cobertos com batom. Tal aspecto demonstra um descompasso entre o corpo e o desejo quando ele se comporta como um ser masculino, ao tentar preencher o que se espera de um sujeito masculino frente a um ser feminino.

Em outro momento, Zam/Caméra demonstra que apesar da mutilação de seu corpo, ainda persiste a identificação com o gênero masculino é quando Ghaniyah o levo para o telhado de sua casa e inicia uma relação com ele, confuso sobre seus sentimentos, Zam/Caméra recorre a Nahid e diz:

> -Nahid... tem... ainda tem algo dentro de mim – diz Caméra – A castração não foi completa.
> - A operação é apenas um SÍMBOLO – um pacto físico. A castração verdadeira é uma função do espirito. – diz Nahid (THOMPSON, 2012, p.360)

Em suma, podemos analisar então que Zam teve uma dificuldade em lidar com a sua masculinidade e o seu desejo. Como alternativa de transgressão se identifica de forma equivocada com a identidade eunuca. O equívoco é notado pois o desejo não some depois que o corpo é mutilado.

Conclusão

Em Habibi, Craig Thompson utilizou Vanatólia e os personagens Dodola e Zam, para representar a universalidade de temáticas que são estudadas atualmente, como as questões de gênero, com foco na masculinidade. A masculinidade na obra foi expandida, e tem-se uma nova masculinidade. No entanto, essa é heteronormativa e aponta acerca do risco de uma identificação equivocada, gerada por uma dificuldade de lidar com uma masculinidade que é subalterna a masculinidade hegemônica, e consequentemente o seu arrependimento após a mutilação, e o reconhecimento da

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

permanência do desejo sexual por uma mulher e de sua identidade masculina. A masculinidade de Zam se consolida com a aceitação de Dodola como sendo um parceiro do gênero masculino, ocorrendo uma subversão dentro dos limites da relação heterossexual.

Com relação a subalternidade de Dodola, podemos analisar, a partir da adaptação do conceito de subalternidade de G. C. Spivak em *Pode o subalterno falar?*, que Dodola adquire voz em um micro-sistema, quando essa passa a contar as estórias do *Corão* e de *As Mil e Uma Noites* para Zam, resistindo ao sistema patriarcal que a obra retrata.

Referências

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, n. 19 e 20, 2007. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/vernaculo/article/viewFile/20548/13731> Acesso em: 12 dez. 2014

BRANDÃO, Izabel F. O. Questões do corpo em "La Piel que Habito" de Almodóvar: Gênero e Tecnologia como Máscara. IN: STELLA, Paulo Rogério et al (orgs). **Transculturalidade e De(s)colonialidade nos Estudos de Inglês no BraZil – Transculturality and descoloniality in English studies in Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2014

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Janeiro-Abril/2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf> Acesso em: 30 abril 2015

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: montando corpo, pessoa, identidade e gênero. IN: CASTRO, AL. (org). **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: < http://books.scielo.org/id/js9g6/pdf/castro-9788579830952-08.pdf> Acesso em: 16 dez. 2014

HAJJAMI, Aïcha. A condição das mulheres no islã: a questão de igualdade. **Cadernos Pagu,** n. 30, p. 107-120, jan./jun. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000100009> Acesso em: 15 maio 2015

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci_arttext> acesso em: 14 maio. 2015

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON, Craig. **Habibi**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2012